

Stadium

N.º 349
10 de Agosto de 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

DIAS DOS SANTOS
do F. C. do Porto
o grande vencedor
da XIV VOLTA A PORTUGAL



«Stadium» apresenta :

Eduardo Murta Barbeiro

o mais completo nadador português

Por ABREU TORRES

Eduardo Maria Murta Barbeiro, que hoje apresentamos aos nossos leitores, é sem dúvida um dos melhores valores da natação portuguesa do momento actual. É mais do que isso: um dos mais valiosos nadadores portugueses de todos os tempos. Muito novo ainda — pois Eduardo Barbeiro nasceu em 11 de Janeiro de 1932, na típica vila de Olhão — pertencendo, devido à sua idade, à categoria de «principlantes», o jovem elemento do S. A. D. pode no entanto apresentar já um «palmarés» verdadeiramente notável, polvi-

tilos 4 m. 15,2 s., depois melhorado para 4 m. 15 s.

Na temporada de 1948, correndo como «principlante» Eduardo Murta Barbeiro baixou para 1 m. 24,2 s. o recorde dos 100 metros-bruços (no decorrer da prova «nadador-completo») e colaborou também na queda do mínimo da estafeta de 4x200 metros-livres que foi fixado em 11 m. 8 s.

Na época presentemente em curso, o valoroso representante do Sport Algés e Dafundo começou por melhorar notavelmente o seu recorde de 100 metros-bruços, baixando-o para 1 m. 19,6 s. No Festival de Homenagem à Imprensa e à Rádio, com que abriu a «Semana da Natação», deu o seu valioso concurso para a queda do recorde da estafeta de 4x200 metros-livres, principlantes, que entrou na tabela com o tempo de 10 m. 40,1 s. E na segunda jornada dos Campeonatos Regionais, deu precioso contributo para que fosse melhorado o mínimo dos 4x100 metros-livres, principlantes, agora traduzido em 4 m. 32,7 s.

Mas o que talvez impressione mais em Eduardo Murta Barbeiro é a sua extraordinária facilidade de adaptação aos diferentes «estilos». E assim é absolutamente natural, que na sua já muito apreciável e valiosa lista de recordes, coloquemos em lugar de merecido relevo o seu recorde da prova de «nadador-completo», brilhantemente alcançado na época finda. Depois de se creditar de 1 m. 24,2 s. dos 100 metros-bruços, 1 m. 19,8 s. aos 100 metros-costas e 1 m. 6,8 s. aos 100 metros-livres, Eduardo Barbeiro conquistava o direito de se intitular o mais completo nadador português de todos os tempos, com o resultado global de 3 m. 50,3 s. E será bom não esquecer que na história da prova «nadador-completo» figuram os nomes de Alberto Azinhais dos Santos, Fernando Leal e Luís Lopes da Conceição.

E por fim, um feito que não esquece facilmente, pelas condições em que foi alcançado, pelo forte entusiasmo e intensa vibração de que se rodeou: a queda do recorde absoluto da estafeta de 3x100 metros, estilos, quando da recente visita do Clube de Natação de Sevilha, em 21 e 22 de Junho. A prova constituiu um verdadeiro Portugal-Espanha, dado que a equipa de Sevilha é precisamente aquela que detem o recorde ibérico com a marca de 3 m. 34 s.

A luta foi empolgante — e Eduardo Barbeiro teve comportamento brilhantíssimo, excedendo a mais lisongeira expectativa, cobrindo o seu percurso em «mariposas» no excelente tempo de

1 m. 19,4 s., marca que igualou assim o velho recorde de João da Silva Marques.

Ao fim e ao cabo — e graças também aos excelentes percursos de Vale e Patroni — a turma do Algés, somando 3 m. 36 s., estabelecia novo recorde de Portugal e batia brilhantemente o conjunto sevilhano.

A época de 1948 foi para Eduardo Murta Barbeiro uma temporada verdadeiramente triunfal. Além dos recordes acima mencionados, temos a registar — afora o seu comportamento meritório no «Torneio da Pascoa» e no «Torneio da Primavera» — três títulos de campeão regional (100 metros-livres, 3x100 metros-estilos e 4x100 metros-livres) e duas segundas classificações, nos 200 metros-livres e 100 metros-costas. É — suprema aspiração de todos os desportistas — atingiu também a internacionalização.

Com efeito, Eduardo Barbeiro fez parte da equipa lusitana que foi a Palma de Maiorca disputar o VI encontro Portugal-Espanha. Participou nos 100 metros-livres, onde foi creditado oficialmente de 1 m. 6 s., na estafeta de 4x200 metros-livres — cobrindo o seu percurso em 2 m. 41 s. — e na de 7x33 metros-livres.

Em 31 do mês findo e 1 do corrente, de novo Eduardo Murta Barbeiro se exibiu em terras de Espanha, desta vez em Sevilha, integrado na equipa do seu clube que assim foi retribuir a visita dos campeões da Andaluzia. Participou nos 3x100 metros-estilos, juntamente com Franco do Vale e Guilherme Patroni, turma que aliás, desta feita não se conseguiu impor ao conjunto sevilhano. E correu também os 100 metros-bruços contra o recordista ibérico Francisco Blanco, onde obteve marca digna de registo — 1 m. 19,8 s.

Atleta correcto e disciplinado, desportista na verdadeira acepção do termo, bom amigo e excelente companheiro, Eduardo Murta Barbeiro tem à sua frente largo futuro e belas perspectivas. Componente desse grupo de jovens que é toda a esperança e todo o futuro da natação portuguesa, produto exclusivo do saber e dedicação de Hermano Patroni, muito há a esperar ainda das reais qualidades do mais completo nadador português de todos os tempos.

«Stadium» cumpre um dever apresentando aos seus leitores este esboço da biografia de Eduardo Barbeiro. E faz sinceros votos pelo seu constante progresso e aperfeiçoamento.

S. O. S.

A crise do atletismo português atinge proporções assustadoras e requer, de urgência, medidas de salvação. As duas primeiras jornadas do campeonato de seniores foram, pelo que dizem as críticas, espectáculo desolador, sem atletas, sem dirigentes, sem público.

Este estado de coisas não pode manter-se. O atletismo português necessita, para seu estímulo e progresso, da existência de um núcleo forte na capital do Norte, que possa medir forças e bater o pé ao forte conjunto lisboeta.

Onde estão os saudosos tempos em que o encontro Porto-Lisboa era a mais interessante competição da época? Quando surgiram os sucessores dos Prata de Lima e Sarsfield; dos António Júlio Dias, dos Francisco Duarte e Karel Poll, Acácio Mesquita e António Cadele, Herculano Mendes, Edgar Tamegão e Peixoto?

O desinteresse actual dos praticantes explica-se facilmente; é a consequência provável da má administração desportiva do organismo regional, que há longos anos se debate sem dirigentes ou com dirigentes que não sabem desempenhar seus encargos.

Este longo e agridoce declínio não é compatível com as briosas tradições portuguesas, nem com o desenvolvimento actual do seu movimento desportivo, que em algumas modalidades se gindou à vanguarda nacional.

É indispensável salvar o atletismo norteño; os torneios de principlantes e juniores deram o primeiro sinal de alarme. O próprio campeonato nacional dos juniores, apesar da aliciente presença dos sudistas, trouxe ao estádio do Lima escassas dezenas de espectadores, mas sempre apareceram representantes dos clubes locais e alguns conquistaram títulos. Agora, porém, com os seniores, o mal foi muito mais grave.

S. O. S.! Apelamos para os próprios desportistas portugueses, para aqueles que, embora afastados, mantêm intacta em seu espírito a dedicação e o entusiasmo pela modalidade. S. O. S.! O atletismo no Porto precisa da colaboração, melhor, da ajuda de todos os seus amigos, de todos os bons desportistas amantes da sua terra, ciosos dos seus pergamínios.

A Associação Portuguesa vive presentemente do sacrifício de um único dirigente; é indispensável que os clubes filiados lhe deem companheiros de trabalho e que, completado o elenco, se consagrem com entusiasmo a missão de ressurgimento, ainda que seja necessário começar pelo princípio.



Eduardo Murta Barbeiro, o valoroso internacional do Sport Algés e Dafundo, que, entre outros, ostenta o honroso título de o mais completo nadador português

lhado de recordes, de títulos e de campeonatos, de vitórias interessantíssimas, de provas valorosas disputadas com nacionais e estrangeiros, intra ou extra-muros.

Começemos pelos recordes. Os números têm por vezes uma linguagem pouco brilhante. Mas são altamente expressivos. Assim, na época de 1947, correndo como «iniciados» Eduardo Murta Barbeiro apossou-se dos seguintes recordes: 100 metros-livres — 1 m. 9,4 s.; 4x100 metros-livres — 5 m. 4,4 s. e 3x100 metros-es-

O ESTILO dos atletas americanos

ANALISADO E COMENTADO

pelo Dr. SALAZAR CARREIRA

(Uma imagem vale mil
palavras. — Confúcio)

IV — Fortune Gordien, discóbolo

LANÇOU o disco, em Lisboa, a 56^m,46, novo recorde do Mundo, superior em 1^m,13 ao máximo homologado do italiano Consolini e que posteriormente, em Oslo, voltou a ultrapassar com 55^m,57.

Faltam-nos fotografias da parte inicial do exercício, que recordaremos, por reminiscência, nos seus pormenores principais:

- posição inicial à italiana, isto é de costas voltadas para o eixo de projecção;
- movimentos preparatórios de oscilação dos braços relativamente lentos, pouco amplos e em perfeita descontração;

- partida para a rotação intra-circular de rapidez fulminante, por enérgica impulsão da perna direita, coadjuvada pela acção dos músculos rotadores do tronco.

- Esta impulsão, precedida do ligeiro recuo do pé esquerdo para o eixo de lançamento, o que permite à perna colaborar no esforço impulsivo, atira o discóbolo como um pião e...

Fig. 1 — A rotação de 180° (os primeiros 45° foram executados durante a fase impulsiva) é feita no ar; o braço direito bastante recuado em relação ao ombro, a mão baixa, no momento presente;

Fig. 2 — O lançador aterrou sobre a perna direita fletida, tronco retardado para a direita em relação à bacia; o braço portador do disco muito recuado e a mão, que a seta aponta, subiu à altura do ombro, o que prova que Gordien adoptou o sistema da dupla vaga oscilatória, preferindo-o ao simples movimento helicoidal;

Fig. 3 — Forte apoio sobre a perna esquerda em extensão, impulsão da perna direita em apoio sobre a ponta do pé, empurrando a bacia de frente para o campo de lançamento. A projecção posterior do braço esquerdo abre o peito e arrasta o outro braço, cuja chicotada ainda se não iniciou;

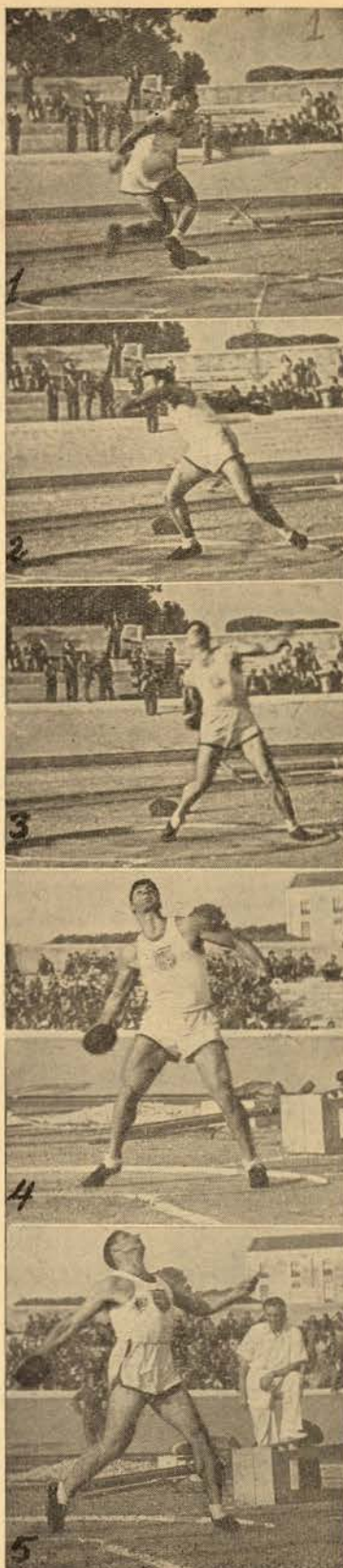
Fig. 4 — Quasi simultânea da anterior, sob outro ângulo, mostrando melhor que a mão com o disco, já desceu desde o apoio do primeiro pé, na execução da segunda vaga oscilatória;

Fig. 5 — O atleta está em pleno esforço final; o braço direito vai subir e avançar, puchado pelo ombro, pela cintura escapular, pelo recuo do outro braço, toda a acção apoiada com segurança no prévio impulso da perna esquerda, a agir sobre a bacia. Posição recuada da cabeça, mostrando a concordância de todo o esforço muscular orientado num sentido comum;

Fig. 6 — O disco vai sair da mão com o braço estendido lateralmente à altura do ombro. A subida do braço na fase final, apreciada pelo conjunto desta posição com a precedente e a seguinte, fez-se num ângulo aproximado a 45°. Observe-se a perfeita extensão dorsal e a colaboração impulsiva, até final, das duas pernas em apoio sobre as extremidades digitais;

Fig. 7 — O disco partiu e o lançador acompanhou-o o mais longe que ponde; perfeita extensão do braço direito e avanço do ombro. As pernas deixaram de agir e prepararam-se para o golpe de tesoura que assegurará o equilíbrio dentro do círculo;

Fig. 8 — As pernas executaram o golpe de tesoura e o lançador segue o disco com o olhar, enquanto ele voa para a glória.



Ano VII — II Série — N.º 849
Lisboa, 10 de Agosto de 1949

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone. 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Assinem a Revista «Stadium»

Joaquim Apolo

do Louletano

quer corresponder à simpatia dos algarvios

Por MANUEL MOTA

O algarvio Joaquim Apolo, do Louletano, é uma das mais interessantes figuras da Volta a Portugal. Sempre na brecha, nunca fugindo à luta, batendo-se vigorosamente em todos os percursos. Apolo tem feito a admiração da caravana. Porque, acredite-se, todos na prova gostam de apreciar o esforço generoso dos estradistas. Vê-los batalhar — em busca de uma boa posição ou defendendo um lugar...

Joaquim Apolo chegou a Chaves, segundo dia de descanso, em 9.º da classificação geral. Chegou a ser 6.º, mas a infelicidade perseguiu-o.

Procurámo-lo para trocarmos com ele algumas palavras. Joaquim Apolo dormitava, mas bom moço, não se furtou à palestra.

Começou por nos dizer que tem 31 anos e que corre há três. Que foi 11.º na Volta de 1947 e 14.º na de 1948. E que...

— Espera classificar-se melhor este ano?

— Vou fazer o possível para isso. Mas reconheço que não é fácil. Andar-se muito, como nunca vi, e já falta pouco.

«Todavia, todos os meus esforços convergem no sentido de subir, se puder, alguns lugares na classificação. Até porque vários corredores à minha frente têm pouco avanço.

— Que pensa da Volta deste ano?

— Penso que está a ser duríssima, sem um momento de tréguas. Não se pode parar um bocadinho, porque não nos deixam respirar. Nunca vi coisa assim.

— Que corredor lhe parece mais forte?

Lambertini, sem dúvida. É um estradista completo, rolando admiravelmente. Quando toma o comando do pelotão ou quando persegue é difícil acompanhá-lo.

— Contente com o seu lugar?

— Sim, estou. Mas se puder subir...

E Joaquim Apolo completa o seu pensamento:

— Quanto melhor me classificar, mais satisfeitos ficarão os meus conterrâneos de Loulé, que seguem com entusiasmo a nossa actuação.

— Qual o seu favorito?

O magnífico corredor do Algarve não hesita um ápice a responder:

— Dias Santos! Julgo que o «camisola amarela» não a despirá mais.

«Reconheço, porém, que a sua tarefa é das mais duras. São muitos contra ele e, às vezes não há forças que resistam. Independentemente disso a sorte desempenha papel decisivo. Veja o meu caso.

— Conte lá:

— Estou convencido de que a



J. Apolo, excelente corredor e belo camarada fala à nossa revista

minha posição seria melhor sem as fatalidades que me perseguiram na etapa de Évora. Sofri dois furos. Os furos, acredite, são os mais encarniçados inimigos dos corredores. E atacam todos, sem distinção.

— Quer dizer?

— Que o Dias Santos, podendo por mérito próprio ganhar a prova, não está fora de um precalço.

Joaquim Apolo pede-nos uma referência especial.

— Gostava que dissesse que estou muito grato aos dirigentes do meu clube e em especial ao sr. Beixiga Peres, que tem sido incansável. E' o nosso amparo nas boas como nas más horas. Tem sempre uma palavra amiga para nos dizer.

— Para o ano volta à Volta?

— Penso isso. Embora não seja já um novo, pois tenho 31 anos, julgo que estarei em condições de ser seleccionado.

«De resto, o Louletano fez uma boa prova este ano, qualquer que seja a sua classificação final, e essa circunstância justificará a nossa vinda.

— O Algarve está de olhos postos em vocês.

— Sei isso. Todos o sabemos na equipa do Louletano. De modo que queremos corresponder a essa simpatia, continuando a mostrarmos dignos dela.

O simpático algarvio continua a conversar connosco. Lamenta-se do calor e das más estradas do Alentejo. E, acerca da organização, limita-se a dizer-nos:

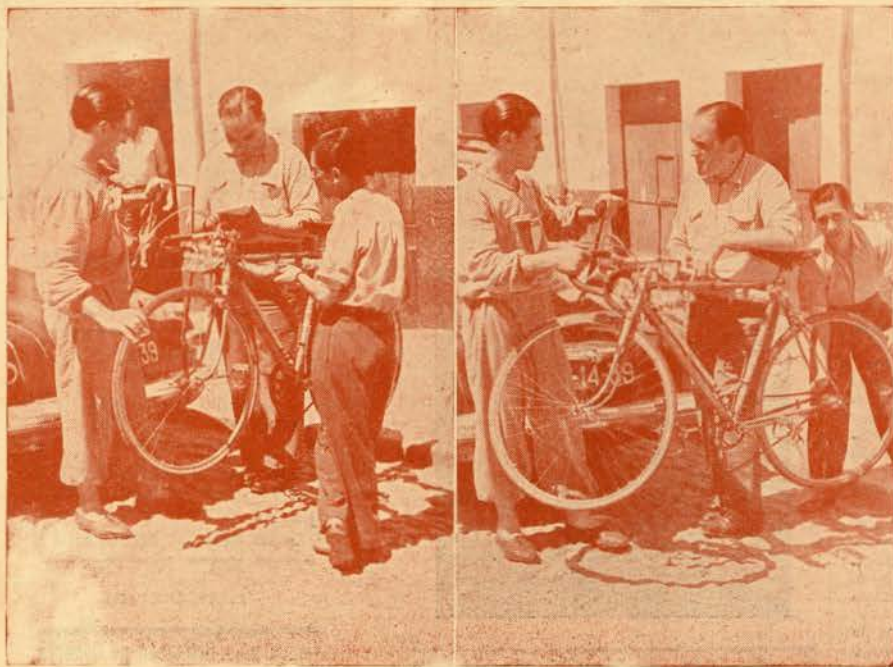
— Só lhe posso dizer que não fui prejudicado.

UMA TAÇA PARA Edgar Marques



Um grupo de amigos e admiradores do corredor do Benfica Edgar Marques, residentes na Feiteira, promove na 2.ª feira uma simples homenagem ao ciclista que, apesar de tomar parte na Volta, pela primeira vez, se comportou de forma a merecer a admiração de todos os desportistas.

Para assinalar o facto, será oferecido àquele corredor uma taça em prata, adquirida por subscrição entre os amigos e admiradores daquele ciclista e residentes na Feiteira.



Joaquim Apolo, no dia de descanso em Chaves, verificava cuidadosamente a sua máquina quando o nosso camarada Manuel Mota o foi surpreender



VENCEDORES DOS COMPEONATOS NACIONAIS DE ATLETISMO — Da esquerda para a direita: Tomás Paquele (Benfica) vencedor dos 100 metros. — Matos Fernandes (Benfica) que estabeleceu o recorde do Sul nos 400 metros. — Joaquim Branco (Belenenses) vencedor dos 1.500 metros, novo recorde de Portugal. — Filipe Luís (Sporting) vencedor das provas de 10 mil e 5 mil metros. — Jorge de Matos (Benfica) novo recordista nacional do lançamento do dardo. — Ricardo Durão (Colégio Militar) vencedor dos 110 metros-barreiras

ATLETISMO

O BENFICA

é campeão nacional

Melhoraram-se três recordes

Os campeonatos nacionais do atletismo, organizados no sábado e domingo pela Federação Portuguesa, só não foram a segunda edição dos regionais porque Coimbra nos enviou dois corredores de velocidade. Do Porto, nem um homem para amostra e é tristíssimo que assim tenha sido.

Mais do que nunca pode dizer-se que o torneio foi um duelo Benfica-Sporting, com vantagem para o primeiro, mais assentada do que o indica a escassa diferença de 5 pontos na contagem final.

Muito mais numerosa, a representação benfiquista somou, nalgumas provas, muitos pontos sem adversário. Há um pormenor curioso na análise da divisão dos pontos e que prova esta vantagem numérica: em classificações de primeiro, segundo e terceiro, o Sporting somou 136 pontos e o Benfica 135; em quartos e quintos somaram ambos 43 pontos, mas o Benfica alcançou 10 sextos lugares, o Sporting apenas 3 e com estes se decidiu a vitória no campeonato.

As provas nacionais, disputadas por reduzido número de participantes, deram-nos um conjunto de resultados interessantes, com melhoria de dois recordes nacionais e um de Lisboa.

Matos Fernandes, em forma apurada e com duas excelentes vitórias nos 400 metros planos e com barreiras (50,4 s. e 56,3 s.); Manuel da Silva, tri-campeão do peso, disco e martelo; Jorge Matos e Joaquim Branco, novos recordistas nacionais do dardo, com 56^m,37 e dos 1500 metros, em 4 m. 8,5 s., foram as primeiras figuras do torneio.

A citar, ainda: Eleutério, a rondar os seus melhores tempos; Alves da Silva, que ainda tem bastante que aprender mas se elevou nos primeiros planos do atletismo português; Ricardo Durão, bom estilista de quem esperamos breve um novo mínimo nas barreiras; Luís Alcide, regular no triplo-salto e Filipe Luís, duplo vencedor das corridas de fundo, aproveitando a baixa de Afonso Marques.

Este, Alvaro Dias, Luís Falcão, Nuno Barros, José Luís, pareceram pouco à vontade, o mesmo sucedendo a João Vieira e Paqueta por lesão. A vitória do último nos 100 metros foi um prodígio de energia.

A organização foi agradável, mas o járl cometeu, em casos eventualmente surgidos dois erros: se é exato o que lemos na imprensa, aceitando uma reclamação do Belenenses sobre a classificação dada pelos juizes de chegada nos 800 metros, sabendo-se que as decisões destes são sem apelo; anunciando que a classificação da equipa do Benfica na estafeta 4x400 metros, que deixara cair o testemunho, estava dependente de uma consulta à Federação Internacional, quando apenas lhe compete cumprir o que reza o regulamento português, único em vigor no nosso país sejam quais forem as circunstâncias e ainda que em desacordo com quaisquer posteriores alterações inter-

nacionais, que só serão de considerar após sua inclusão no regulamento nacional.

Acresce, no caso referido, que o corredor que apanhou o testemunho não foi o mesmo que o deixou cair.

Os títulos ficaram divididos por quatro clubes: 10 para o Benfica, 8 para o Sporting, 1 para o Belenenses e outro para o Colégio Militar.

O Benfica adicionou 107 p. em corridas, 87 nos saltos e 23 nos lançamentos; o Sporting, respectivamente 98,20 e 64 pontos. Os encarnados tiveram pois nos lançamentos o ponto fraco, que os verde-brancos manifestaram nos saltos.

Sobre o valor das marcas alcançadas diremos que se registaram 10 superiores a 800 pontos finlandeses e 26 outras acima dos 700 pontos.

As únicas provas cujos vencedores não atingiram os 700 p., foram o salto à vara e os lançamentos do peso e do martelo.

SALAZAR CARREIRA

Pense nas vantagens que a

BIRO MINOR

lhe proporcionará

A Biro Minor — o membro mais novo da família Biro — mantém a popularidade na sua utilização dentro de casa.

Agora, a Biro Minor foi modificada de maneira a poder-se substituir-lhe a bomba para tinta de qualquer das cores Biro — vermelho, verde, azul e preto-azulado. Outro aperfeiçoamento, é a junção de uma cabeça exterior de protecção que permite transportá-la com segurança para toda a parte.

Como a célebre caneta Biro, as novas Biro Minors e as bombas sobressalentes vendem-se em toda a parte com tinta apropriada às condições climáticas do país.

Biro
Minor

A Biro e a Biro Minor satisfazem todas as necessidades de quem precisa de escrever

Distribuidor para Portugal: António Campos-Tray, Nova de S. Domingos, 9-12-Lisboa



Stadium publica no próximo número uma separata a cores de **DIAS SANTOS**

A Mocidade Portuguesa

fez disputar o Campeonato Nacional de Hipismo



A equipa da Estremadura, vencedora do Corta-Mato, no Campeonato Nacional da Mocidade Portuguesa

A Mocidade Portuguesa, acaba de levar a bom termo o seu, já habitual, Campeonato de Hipismo, iniciativa feliz que de ano para ano acusa progressivo desenvolvimento, ao qual não é estranho o entusiasmo pelo desporto hípico ultimamente revelado pela juventude.

Tem esse entusiasmo encontrado o melhor eco no sr. major Amadeu Buceta Martins, inspector de hipismo da M. P., que o tem sabido dirigir e encaminhar, auxiliado por um grupo de instrutores, formado por alguns dos nossos mais conceituados cavaleiros.

A obra frutificou e é de esperar que vá progredindo sempre até atingir a perfeição ambicionada, da qual só benefícios advirão para o desporto equestre.

Como de costume, o Campeonato dividiu-se em duas provas — «Corta-Mato» e «Obstáculos».

Na primeira, ganha com brilho pela equipa representativa da Estremadura, a vitória individual

pertenceu a José Luís Penha, da divisão do Douro Litoral, separado por 14 s. e 1/5 do 2.º classificado, o que diz o suficiente.

Na prova de obstáculos, na qual foi impossível estabelecer classificação colectiva, o triunfo pertenceu a Fernando Van-Zeller Palha, da divisão do Ribatejo, que conseguiu um percurso sem faltas e com o melhor tempo, revelando a sua habilidade e o seu desembaraço.

Os dois restantes percursos «limpos» foram alcançados por Manuel Pessanha (Douro Litoral) e Manuel Henriques Junior (Beira Baixa).

O Campeonato Nacional de Hipismo da Mocidade Portuguesa, que interessou vivamente a assistência e foi presenciado pelo sr. general Latino, da Federação Equestre, e major Buceta Martins, inspector da M. P. deixou-nos a melhor impressão.

A. T.



Fernando Van-Zeller Palha, vencedor da Prova de obstáculos, representando a divisão do Ribatejo



Os concorrentes ao Campeonato Nacional de Hipismo da Mocidade Portuguesa

PUGILISMO NO PARQUE MAYER

JORGE LARSEN resistiu corajosamente a um

JULIO NEVES em franco progresso técnico

AO deixarmos o Parque Mayer, na noite de terça-feira, 2 do corrente, interrogámo-nos a nós mesmos porque motivo o jogo do boxe era tão mal sucedido em Portugal, havendo pugilistas de valor, como Jorge Larsen, e voluntários, como Júlio Neves — só para mencionar os mais recentes em actividade.

Evidentemente que a explicação está fóra da essência do próprio desporto, como sai da índole desta secção, mas pode dizer-se que onde se impunha ajudá-lo não o foi e quando devia ter sido acarinhado sofreu inclemências. A esta verdade junte-se-lhe outra: só a mudança completa de regulamentação poderá fornecer ao pugilismo o estímulo e ambiente que carece, e merece, para progredir.

Se isso suceder, os vários pugilistas pundonorosos, como Larsen, Neves, Martins, etc., acharão as compensações materiais e morais que merecem.

...

Neves e Larsen fizeram um combate real. Durante nove assaltos e meio lutaram briosamente, e o campeão de semi-médios — desvantajado em peso, estatura e força física — empenhou-se no desafio com inteira devoção. Notámos-lhe menos capacidade realizadora e menores meios de recuperação — tudo isso resultado de longa ausência do ringue — mas os factores intrínsecos do seu temperamento boxístico conservam-se intactos.

Neves apresentou-se preparado, jogando no seu estilo costumeado, a distância, manifestando ainda bastante indecisão nos momentos principais. Não fora isso, teria triunfado mais cedo ou, pelo menos, de maneira mais radical.

Manifestou uma agradável variedade de fintas, guardou-se com inteligência mas exibiu pouca variedade de golpes, tentando

demasiadamente o hook da direita e raras vezes o jabe, o directo e o uppercut. Apesar de ainda rudimentar, alguns aspectos do estilo, e de aguentar pouco bem os golpes contundentes, é hoje uma figura de cartaz com justificadas pretensões ao título dos «médios» — que deve estar ao alcance dos punhos.

Larsen, como atrás enunciámos, não desmereceu apesar de vencido. Teve na frente uma tarefa rude e para a qual se não encontrava em condições ideais, de peso, prática e treino. A sua conduta foi digna de aplauso e inteiramente desportiva — exemplar, até, para tantos desportistas elvidos de preconceitos contra o profissionalismo, e só isso justificará a soma de aplausos do público, quando voltar a vê-lo combater.

A fisionomia do match resume-se em poucos termos: Após um primeiro assalto de temente, Neves rompeu a atacar e impôs-se. No terceiro período os dois jogadores aplicaram-se a fundo, havendo igualdade. Larsen dominou bem o quarto assalto, mas perdeu francamente os seguintes, só reagindo no sétimo «round». O oitavo coube a Neves e Larsen tentou vencer por K-O no 9.º período, mas esgotou-se por completo.

No décimo, o árbitro interveiu a tempo, quando Larsen já não esboçava defesa e estava em iminência de perder desastrosamente.

...

Valente Rocha continúa a manifestar-se naturalmente hábil para jogar o boxe. Se encarassemos a sério a vida do ringue poderia ter ido longe, visto dispor de intuição e habilidade pouco comuns.

Ante Manuel de Sousa, manifestou carência de reflexas, deixando que os largos swings atirados por aquele o atingissem, embora sem prejuízo aparente. No decorrer do 3.º assalto aplicou em cheio, um forte soco no estômago de Sousa e daí em diante o resultado esteve à vista. Depois de quatro quedas — aparatosas demais — o árbitro interveiu, e concedeu a vitória por K-O, no 4.º assalto, a Valente Rocha.

Os combates de abertura foram pouco brilhantes. Claudino Correia, sofrendo os efeitos de longa ausência e oposto a um adversário muito mais forte, fisicamente, sucumbiu ao 4.º assalto, diante de Cruz Passos.

David Ferreira e Amadeu Brandão produziram um péssimo encontro. Brandão está verde demais para se exibir em sessões de certa importância. Necessita de aprender o elemental: dar socos! Sem isso, nada feito.

Resumindo: um optimo combate; um sofrível e dois abaixo do limite do aceitável. No entanto, o combate principal salvou o programa.

R. B.

IMAGENS DA "VOLTA A PORTUGAL"



DA ESQUERDA PARA A DIREITA — A etapa Castelo Branco-Viseu foi assinalada, na Covilhã, por este aparatoso desastre, felizmente sem outras consequências que o trambulhão e uns segundos de atraso. — Na etapa Viseu-Vila Real, José Martins, Lambertini e Gueguen lentaram com êxito uma fuga. O pelotão foi-lhes no encalço. Eis Fazzio, Joaquim Sá e Maximiano Rola atravessando a Régua em perseguição dos fugitivos. — Fernando Moreira, Lambertini, Dias Santos, Joaquim Sá e Moreira de Sá, os cinco valorosos ciclistas do F. C. P., mantendo posição de relevo durante a grande corrida



À DIREITA — O pelotão compacto, em andamento frouxo, aproxima-se de Castro Daire, na etapa Viseu-Vila Real. — Lambertini, do Porto, vencedor do prémio da montanha na Guarda e Mario Fazzio, do Sporting, o primeiro a chegar a Viseu

CAMPEONATO NACIONAL DE ANDEBOL



O Campeonato Nacional de Andebol, que terminou com a vitória do F. C. do Porto, reuniu um grupo de concorrentes que deram ao torneio boa animação. A ESQUERDA — O grupo do Sporting que foi favorito até final do torneio — O «team» do Ferroviários

A XIV VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Um prémio de montanha
Uma jornada brilhante
do Sporting C. Portugal
Os estrangeiros em evidência



EM CIMA — Na etapa Vila Real-Chaves, os corredores, em pleno esforço, atacam uma subida a caminho de Pedras Salgadas. — EM BAIXO — Porcar é o primeiro na meta de Orense seguido do Valmitjana e Montaña



À ESQUERDA — Em Vigo a cravana da Volta a Portugal despertou curiosidade e interesse. Eis um aspecto dos corredores saindo daquela cidade. — À DIREITA — Ainda em território espanhol. Os ciclistas, em pelotão, atravessam Celanova

A primeira etapa claramente de montanha correspondeu ao troço disputado de Castelo Branco a Viseu, visto que indica a travessia de duas serras de grande altitude — a Gardunha e a Estrela. Até quase ao ponto mais alto da Gardunha, mantiveram-se os corredores agrupados. Depois, começou Felix Bermudez por se isolar, para fazer depois uma fuga de grande estilo, entre o princípio da subida para a Covilhã e quase o topo da Estrela, perseguido por um pelotão que veio a apanhá-lo antes da Guarda, a que se manteve de certo modo unido até Viseu, com alternativa de comando e constituição que deram grande movimentação à parte final da etapa.

Na contagem de pontos para o Prémio da Montanha, a ordem de passagem foi: 1.º Lambertini; 2.º M. Fazio; 3.º Mourão; 4.º Manuel Barros; 5.º Felix Bermudez. João Rebelo continuou, pois, à frente, com 14 pontos, levando Vidal Porcar, 13.

Em Viseu, o grupo fugitivo estava reduzido a quatro unidades, que se classificaram pela seguinte ordem: 1.º Fazio; 2.º Lambertini; 3.º Manuel Barros; 4.º Júlio Mourão. Manuel Barros e Mourão caíram no campo do Fontelo. Felix Bermudez foi quinto. O Sporting teve uma jornada brilhante.

Média horária — 28,967 kms.

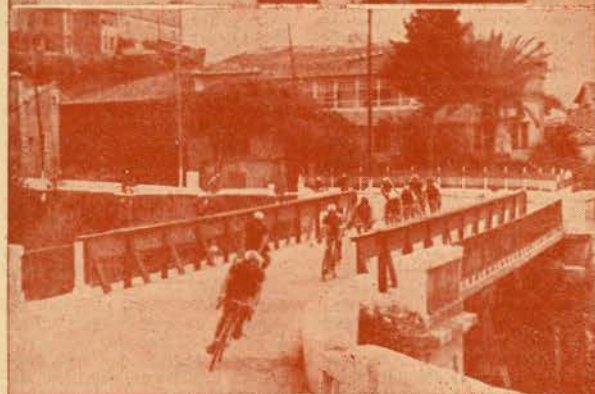
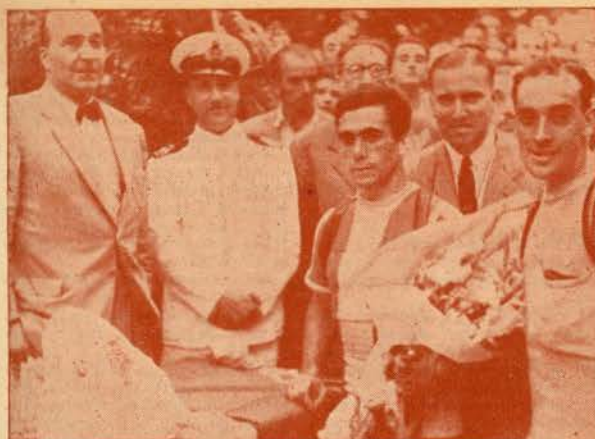
De Viseu para Vila Real, a etapa, ainda em zona acidentada, foi também anunciada por uma fuga, de um grupo constituído por Gueguen, Lambertini e José Martins, registando-se a fuga depois da passagem por Castro Daire, até onde os corredores seguem mais ou menos agrupados. O grupo em fuga passou na Régua com 5 minutos de avanço; e chegou a alargá-lo até perto dos 10. O Porto fez, porém, uma perseguição brilhantíssima, que permitiu reduzir a diferença a pouco mais de 2 minutos.

Lambertini chegou ao segundo lugar da classificação geral, apenas a 4 segundos de Joaquim Sá, que tem sido um corredor de grande regularidade, colando-se muito bem. Gueguen venceu com nitidez.

Média geral — 28,991 kms.

O pequeno troço disputado entre Vila Real e Chaves não tem mais nada de realce que a grande velocidade mantida em quase todo o percurso, o qual findou a descer para a cidade de Chaves, com um final empolgante de combatividade entre os homens da frente, mas sem separar nenhum corredor da frente. Fernando Moreira cortou primeiro a meta, seguido por Montaña e Onofre Tavares. Felix Bermudez, com dois furos, e dificuldade de reparação de um deles, foi o último a entrar na meta, quase com o «controle» a fechar.

Média — 36,479 kms.



DE CIMA PARA BAIXO — Em Vigo. O Alcaide daquela cidade espanhola ofereceu a Fernando Moreira e a Dias Santos ramos de flores. — Onofre Tavares é o primeiro a passar em Tuy. — O pelotão, em bom andamento e comandado por Maximiano Rola, aproxima-se de Viana do Castelo. — Fernando Moreira foi o primeiro em Viana do Castelo. Depois Onofre Tavares e Gueguen

JOAQUIM SÁ

do Futebol Clube do Porto

A «revelação» da Volta

JOAQUIM SÁ do F. C. do Porto, é a revelação da Volta de 1949. Seco, franzino, cabelos alourados e revoltos, gestos secudidos — faz-nos lembrar o célebre «Faisca». Não tem, com certeza, mais corpo que o corredor de Mangualde... E, tal como ele, é um rapaz de boa fibra.

3.º da classificação geral em Chaves, a poucos segundos de Lambertini e a três minutos exactos de Dias Santos, Joaquim Sá era, naquela cidade, um dos cinco corredores do F. C. P. colocados no topo da tabela.

Claro que Joaquim Sá se mostrava satisfeito. O caso, de resto, não era para menos... Depois de um começo de época muito frouxo, Sá esteve em evidência logo nas primeiras etapas da Volta. Uma evidência que, no entanto, resultava mais das classificações que obtinha do que propriamente da actuação brilhante durante as etapas. Fugitivo



Joaquim Sá, sorridente, faz-nos revelações

para Castelo Branco, nas outras tiradas limitou-se a acompanhar o pelotão, a «colar-se» bem — e a defender assim a sua posição incontestavelmente magnífica.

— Então, Sá, que pensa da Volta?

— Tem sido uma corrida muito puxada, violenta mesmo, quase sem uma paragem.

— A que atribui o seu lugar?

— A preparação especial que segui para a Volta.

— Julga que se manterá?

— Procurarei subir ao segundo lugar. O primeiro virá a ser de Dias Santos, para o qual todos vamos trabalhar. Observo, até, que na etapa de Loulé não tive dúvidas em ceder a minha bicicleta a Dias Santos, quando este envergava a «camisola amarela».

— Que corredor mais admira?

— Lambertini. Julgo que é o melhor corredor estrangeiro que até hoje veio a Portugal.

— Está contente consigo?

— Absolutamente. E permita-me que endosse a minha classificação, qualquer que seja, aos meus conterrâneos de S. Romão de Coronado e de Santo Tirso.

M. M.

A Federação Portuguesa de Futebol

publicou o seu relatório

Publicou a Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol o seu «Relatório e Contas» referente à gerência de 21-7-1946 a 30-6-1949.

Trabalho precioso e cuidado que se impõe à boa apreciação de todos aqueles que se interessam pelos destinos do futebol nacional.

Através das suas 200 páginas, os assuntos primordiais são apresentados com clareza, numa arrumação criteriosa que facilita a percepção rápida dos assuntos versados.

Num gesto digno dos maiores encômios, distribuiu, também, o «Relatório e Contas» da gerência de 1942-43 e o das gerências das Comissões Administrativas até 20-7-1946, num volume de 148 páginas.

Ambos os relatórios têm excelente apresentação gráfica e são apresentados no formato de livro 1/8.

Sem menosprezo pelo trabalho apresentado no volume citado em em último lugar, vamos dar primazia ao conteúdo no primeiro, respeitante como se disse, ao triénio 1946-49 e que contém fotos das principais turmas.

No prolegómeno lê-se:

«Graças a Deus que, hoje, são muitos os curiosos pelo regresso à normalidade directiva. Quando viemos, porém, eram poucos os que sinceramente o desejavam.

«Tudo o resto, e algo que de bom nos foi atribuído, não nos pertence de facto e por isso nos apresentamos a devolvê-lo aos seus verdadeiros responsáveis: — dirigentes dos clubes, das associações, seleccionadores nacionais, jogadores, imprensa desportiva e esse admirável público da bola, sempre disposto a apoiar todas as causas nobres do desporto.»

Registamos estas frases desasombradas que por si só, são o espelho fiel das altas qualidades que exornam os homens que durante três anos dirigiram a entidade máxima do futebol português e que acabam de apresentar, a quem de direito, o seu pedido de demissão, por julgarem ter chegado o momento de se regressar à normalidade federativa.

Começando a narrar o trabalho despendido, afirma-se, a certa altura que desde 18 de Setembro de 1946 a Julho corrente se efectuaram 43 jogos internacionais entre clubes no nosso país e 21 em terra estranha; a equipa nacional disputou em igual período de tempo 14 jogos (12 a equipa A e 2 a equipa B), com os seguintes resultados:

Equipa A — 7 jogos em Portugal = 3 vitórias; 2 empates; 2 derrotas.

Equipa A — 5 jogos no estrangeiro = 1 vitória; 7 empates; 4 derrotas.

Equipa B — 2 jogos no estrangeiro = 2 derrotas.

Verifica-se, também, que o grupo nacional disputou, até hoje,

65 encontros, tendo obtido 20 vitórias, 11 empates, e 34 derrotas, marcando 96 golos e sofrendo 1421.

Fazemos votos para que daqui a alguns anos, o resumo que vimos de enunciar se apresente mais equilibrado, porque será sintoma seguro de que o futebol português, evoluiu favoravelmente, de forma sensível, para satisfação e agrado absolutos de todos os bons aficionados.

Não envolve este desabafo intuito desprimoroso para as individualidades que subscrevem o trabalho que estamos comentando, mas sim o anseio legítimo de que possamos firmar-nos, num futuro próximo, em condições mais propícias para o aproveitamento integral das óptimas qualidades, já de sobejo demonstradas, pelos praticantes nacionais.

O capítulo que trata dos «Pareceres e decisões» tem interesse acentuado, pois inclui 14 processos diferentes, versando igual número de casos, com a correspondente interpretação e solução, todos eles subscritos pelo dr. Mário de Miranda Monteiro.

Estão filiadas 23 Associações, com um total de 334 clubes!

O maior número de colectividades é dado pela do Porto, com 53, seguindo-se-lhe Lisboa com 44 e Setúbal com 33.

Se juntarmos a estes agrupamentos mais as centenas dos chamados «populares» e pensarmos, por momentos, na quantidade de atletas e associados que representam os mesmos, concluiremos, sem esforço, que o futebol é indubitavelmente uma grande força nacional!

Todas as conjecturas e suposições ficam muito aquém da realidade, perante a eloquência dos números!

O relatório da actividade do Centro de Medicina Desportiva

está bem apresentado e claro na exposição, rematando com a publicação do regulamento que o rege.

O capítulo IV é dedicado às provas efectivadas durante as épocas de 1946-47, 1947-48 e 1948-49, inserindo o relatório do Conselho Técnico.

Após ligeiras considerações, apresenta em mapas, bem elaborados, os resultados dos vários campeonatos com a indicação da posição alcançada pelos intervenientes. Repositório consciencioso que deve merecer a devida atenção por parte dos clubes interessados e dos amadores de estatísticas.

O relatório financeiro começa a pág. 151 e declara logo de entrada que as disponibilidades da Federação eram, na data em que a Comissão Administrativa tomou posse, de Esc. 1.626.227\$30, total este que proviera, na sua quase totalidade, da taxa cobrada para o «Fundo de Expansão Desportiva».

Esta taxa, de acordo com o determinado no Dec.-lei n.º 35.992 de 23-11-46, passou a constituir, sob a rubrica de «Fundo de Auxílio a Organismos Desportivos», receita da Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, pelo que a Federação depositou à sua ordem, nos três anos, Esc. 1.427.187\$45.

Foram concedidos a diversos clubes, subsídios que somaram 239 contos; emprestados ao Atlético Clube de Portugal 518 contos, dos quais 139 já estavam pagos em 30 de Junho p. p.; às Associações, com vista a fomentar a prática do futebol, foram distribuídos 190 contos; aos clubes da I e II Divisão, com o fito de cobrir os prejuízos sofridos na organização dos jogos, respectivamente 180 e 214 contos; e, ainda, a outros clubes, 179 contos para ate-

nuar os prejuízos ocasionados com as deslocações!

O Campeonato Nacional de Juniores, disputado nas três temporadas, deu um prejuízo de Esc. 269.500\$00.

Os encontros internacionais contra a França (A e B), Irlanda, Espanha, Itália, Espanha (B) e novamente Irlanda, travados no campo do adversário, deram prejuízo que se cifra, no total, em cerca de 950 contos!

Os restantes, levados a efeito em Lisboa, deram lucro, sendo o do Portugal-Espanha em 1948-49, o mais expressivo: 782 mil escudos!

Suedem-se os mapas com o desenvolvimento das contas, discriminado, pormenorizadamente, o destino dado aos quantitativos movimentados, época a época, e pelas provas que compete à Federação organizar.

Francamente gostamos. Uma leitura atenta, elucida bem o leitor e põe-o a par da vida intensa que se vive na mais alta entidade do desporto número um.

E' necessário acompanhar de perto a organização, para se poder ajuizar, em consciência, do muito que se exige aos que, graciosamente, desempenham os ingratos e espinhosos lugares de direcção.

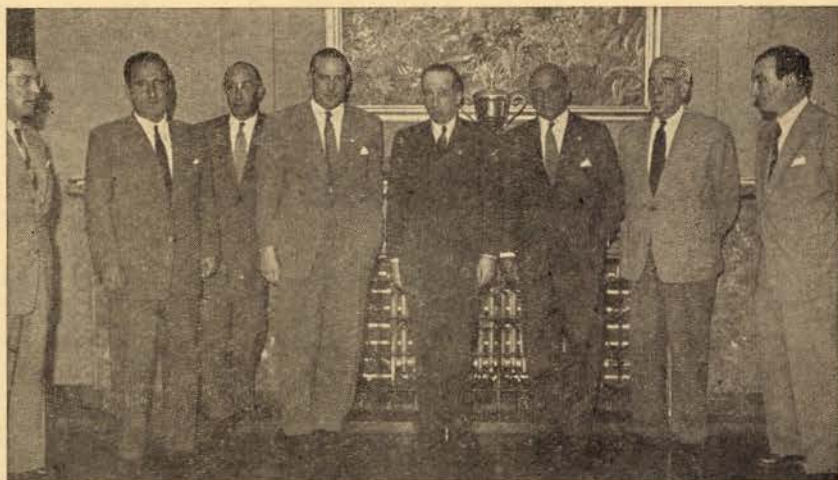
Deram contas dos seus actos, não se eximindo a uma narrativa circunstanciada do que fizeram durante três anos, cónscios em absoluto de que chegara a hora do *render da guarda*, cedendo a outros os lugares que com dedicação e espírito de sacrifício desempenharam.

E' muito natural que apareçam críticas apoucando o trabalho levado a cabo, apontando-lhe defeitos, citando a forma como deviam ter procedido.

Nenhuma obra humana é perfeita, todos o sabemos.

Finaliza este notável documento com palavras repassadas de saudade para os desditosos jogadores do Torino que perderam a vida no desastre de Superga e, ainda para Carlos Basílio de Oliveira e Frederico Porto, que em vida se devotaram com carinho à F. P. F.

PITTA CASTEJELO



A Comissão Administrativa da Federação de Futebol com o sr. ministro da Educação Nacional, no dia em que apresentou o seu pedido de demissão, ao concluir três anos de gerência

O F. C. do Porto em Angola

Os campeões do Norte mostram-se impressionados com as recepções — carinhosas e entusiásticas —

O conjunto do F. C. do Porto tem sido acarinhado de um modo extraordinariamente agradável nas cidades angolanas que tem visitado. Luanda, Sá da Bandeira e Lobito, como Nova Lisboa e outros centros, vibraram como não há memória com a presença dos campeões nortenhos, que não pôde apresentar-se, infelizmente, com a equipa completa.

Se o facto não tem influído nos resultados, pois o F. C. do Porto ganhou ao F. C. de Luanda por 10-2, à selecção de Lubango por 8-2, à selecção de Luanda por 6-3, e à selecção de Lobito por 4-1, isto até o momento em que escrevemos, — contribuiu por certo para não deixar no espírito dos desportistas angolanos a nota real do valor metropolitano.

Mas os desportistas e os jornais de Angola revelam-nos o seu contentamento. O entusiasmo tem sido grande, como nenhum do F. C. do Porto contava. Todos os membros da caravana têm recebido prendas, elogios. As autoridades de Angola, com o sr. Governador da Colónia e presidentes das Câmaras visitadas em todos os lugares de honra, à frente de todas as iniciativas, cumularam os portugueses de gentilezas. Várias Câmaras, consideraram os visitantes hóspedes da cidade. E entre os seus presidentes e o professor Luís de Pina, presidente da Câmara Municipal do Porto, trocaram-se telegramas de cumprimentos. Para Angola, o F. C. do Porto representa uma embaixada especial da região nortenha.

No dia da chegada a Luanda, encheu-se o caos para receber o F. C. do Porto. Milhares de pessoas e automóveis às sentenas. Em Lubango, também se encheu o campo de aviação. E na Câmara Municipal, numa recepção memorável, pronunciou o respectivo presidente um discurso que é oportuno transcrever:

«Ilustres componentes da Embaixada Desportiva do F. C. P.
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Em nome da Câmara Municipal de Lubango, que legitimamente representa a população desta cidade de Sá da Bandeira, eu apresento aos ilustres componentes da embaixada desportiva do F. C. P., as minhas saudações e os meus cumprimentos de boas-vindas.

Ilustres hóspedes:

Deveis ter reparado na semelhança desta terra a muitas das terras nortenhas de Portugal, bem conhecidas de todos vós. Nada nos faz lembrar que estamos em África, naquela África tórrida e hostil à vida humana, de que tanto deveis ter ouvido falar.

Pois as gentes desta terra — podem crer — também se parecem no viver, no trato e no espírito, com as gentes das terras em que nasci e cresci, as gentes da minha querida Beira.

E porque encontrei o meu próprio em que me tornei, aqui me fixei voluntariamente e aqui constitui família. E o

meu caso é o caso de quase todos os que aqui vivem.

Tenho ido algumas vezes à Metrópole e sempre me ficou a sensação de que não mudel de meio. E então a viagem de avião, que já se pratica correntemente, tanto encurtou as distâncias, que até este obstáculo, o único obstáculo perceptível que nos separava, deixou de existir. Estamos a uma noite de viagem de Portugal, da vossa adorada cidade do Porto. Estamos, portanto, em Portugal, na vossa terra!

A vinda a Angola da turma do F. C. P., que ainda há pouco fez vergar o orgulho do categorizado grupo inglês do Arsenal, constituiu um acontecimento inédito para a história desta terra e até para a história de Angola.

Se o acontecimento é motivo para regozijo nosso, é também, pela novidade que reveste, lamentável testemunho da pouca atenção que têm merecido as relações espirituais que se devem estabelecer com a Metrópole.

Já nos visitaram algumas embaixadas das escolas metropolitanas, a mais numerosa e característica das quais foi o Cruzeiro de Férias, que reuniu apreciável escol de alunos e professores.

Mas nunca uma embaixada desportiva nos visitou, com o patrocínio do Estado, que reputo indispensável, visto que as entidades particulares dificilmente poderão reunir a coesão necessária, para recolher meios materiais e trazer aqui agrupamentos desportivos de valor, em condições técnicas convenientes.

A vinda do F. C. P. representa sacrifício material para os seus componentes e para o Clube, é certo; mas não menos sacrifícios desta natureza representa para as entidades e pessoas que arcam com a responsabilidade desta bela iniciativa.

É certo que, no final, todos ficamos contentes, por nos ser dado gozar estes momentos indeléveis de prazer espiritual, que constitui a vossa fugidia permanência entre nós. Mas na verdade, o acontecimento não perde, vistas firmemente as coisas, o seu carácter de improvisação.

Conviria organizar oficialmente, com todos os requisitos, visitas periódicas às colónias de agrupamentos desportivos de valor, os quais teriam o duplo condão de fortalecer os espíritos por ventura adormecidos do fervor patriótico da nossa mocidade, que as manifestações desportivas fazem vibrar particularmente — e de criar entre a mesma mocidade o gosto pelo desporto, que em África deverá ser praticado com especial intensidade, visto que o clima, mais agreste para a vida humana, exige melhores condições físicas aos que aqui vivem e labutam.

Estou certo de que a visita da valorosa

embaixada desportiva do F. C. P. vir evidenciar as verdades que acabo de enumerar, constituído assim um acontecimento precursor verdadeiramente providencial.

Por todos os motivos, pois, a vossa vinda a Angola e particularmente a esta cidade, ficará eternamente gravada nos nossos corações. Desejamos que levem da nossa terra as melhores recordações e desejo também que esta visita não seja a última.»

Sobre o jogo de Sá da Bandeira pronunciou-se o «Notícias da Huila» com entusiasmo. Transcrevemos parte da sua crítica:

«A defesa nortenha mostrou como é eficiente o sistema de marcação cerrada. Os médios provaram como é bonita e útil a passagem precisa e rasa.

A bola foi dos pés de Joaquim, deste muito principalmente, para os homens da frente em perfeitas condições de ser jogada.

Já a linha dianteira dos campeões nortenhos não fez exibição de vulto.

Apenas se salvaram Diógenes e Santos, Lino, Gastão e Freitas jogaram mal e dos três só Gastão nos pareceu elemento de real categoria.

Desejava-se que o jogo fosse magnífico espectáculo para o público e óptima lição para os praticantes.

E este desejo foi conseguido plenamente.

Oxalá que os nossos amadores e as pessoas que os dirigem procurem jogar ou fazer jogar de maneira semelhante à do F. C. Porto.

(Continua na página 15)

Os Campeonatos de Tenis da Curia

e o aniversário do Curia Palace Sports Clube

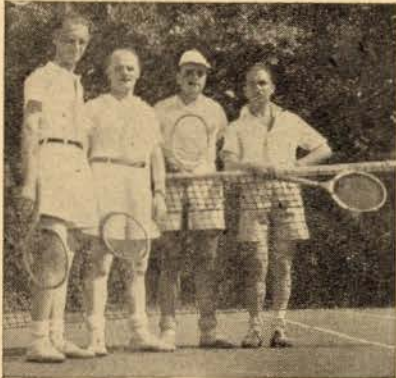
OS Campeonatos de Tenis da Curia marcaram de novo este ano a posição de valor que os tem rodeado. Esse prestígio mais vincado se tornou nos recentes campeonatos integrados nas festas do 20.º aniversário do Curia Palace Sports Clube, animado pelo entusiasmo e dinamismo de Gil de Almeida.

Nessas festas, à parte os campeonatos de tenis, valorizadas com a presença do Sporting, finalista do campeonato nacional, estiveram entidades de destaque, como o sr. Governador Civil de Aveiro, presidentes das Câmaras Municipais de Anadia e Agueda, Director Geral dos Desportos, etc.

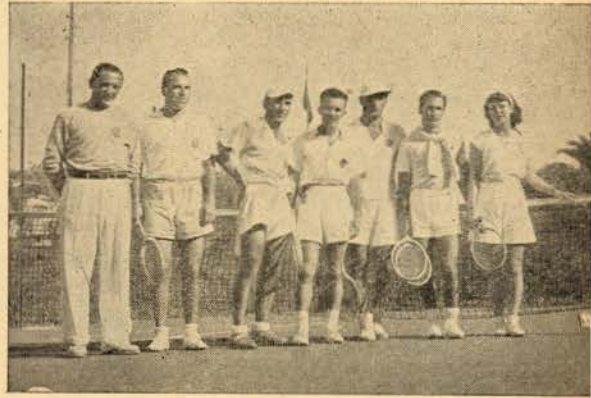
Uma exposição comemorativa dos vinte anos do clube, um almoço e festas nocturnas completaram o período festivo do simpático Curia Palace Sports Clube.



Gil de Almeida, lendo o seu discurso de saudação ao sr. Governador Civil de Aveiro, no momento em que foi inaugurada a exposição comemorativa do 20.º aniversário do C. P. S. C.



Quatro concorrentes aos Campeonatos da Curia. Da esquerda para a direita: os belgas Paul e François Heribraut, J. Nunes dos Santos e A. Seabra Pinto



A equipa do Sporting C. P., que ganhou o Campeonato Nacional inter-clubes (2.ª categoria)

HIPISMO

Correia Barrento, no «Raso»

vencedor nos dois primeiros dias do Concurso de Sintra

PODE dizer-se que o Concurso de Sintra começou sob os melhores auspícios, uma vez que nos foi dado assistir, logo na «Omniun», a uma prova magnificamente disputada e, por sinal, muitíssimo bem ganha pelo capitão Correia Barrento, cavaleiro dos mais bri-

lhates com que tem contado o nosso desporto hípico.

O «Raso», alcançou, montado pelo conhecido cavaleiro internacional e olímpico, uma lindíssima vitória, daquelas que nos indicam estar ainda na plena posse das suas qualidades de saltador.

No seu galope habitual — im-



O capitão Correia Barrento no «Raso», vencedor da «Omniun» e da prova «Estrangeiros»



Rui Santos Costa no «Fébus», vencedor da prova «Discípulos»

pressionantemente rápido sem o parecer — e sem dar sequer um toque, o «Raso», quando passou a segunda linha de visores estava virtualmente vencedor da prova. Era impossível batê-lo!

Esta circunstância vem dar ainda maior valor aos percursos dos capitães Damião, no «Draw-ragoon», e Abrantes da Silva no «Joalheiros» que, com óptimas provas, dele se aproximaram.

Seguiu-se a prova para «Discípulos» na qual triunfou Rui Santos Costa, filho do titular da pasta da Guerra, que, montando «Fébus», mereceu incontestavelmente a vitória, revelando magníficas qualidades.

No domingo as provas tiveram como é natural mais público a presenciá-las.

O percurso das duas primeiras era o mesmo e diga-se que não era fácil, o que justifica o redu-

zido número de provas sem faltas.

Na «Nacional», ganhou o capitão António Spínola no «Tobruke» seguido do alferes Antunes Pala no «Bonito II». O facto de só os dois terem conseguido «limpar» diz o suficiente acerca da sua actuação.

Na prova de «Estrangeiros» voltou a ganhar o capitão Barrento, no «Raso», com o mesmo brilho da véspera. E' sem dúvida, um grande «ecorjuntos».

Os tenentes Pereira de Almeida e Craveiro Lopes meteram o «Abrunhos» e o «Académico» nos dois lugares imediatos.

O programa fechou com a prova de «Amazonas» que proporcionou a D. Helena Correia de Sá (Asseca), no «Que foi», uma lindíssima vitória.

O Concurso continua no sábado.

ANTAS TEIXEIRA

O Sporting veio à volta, para recomendar a sua actividade no ciclismo, com uma equipa de estrangeiros e portugueses. Apesar de todas as contrariedades que teve de aplanar, desde a falta de preparação de alguns ciclistas até à falta de entendimento inicial da equipa, o Sporting tem marcado posição de realce.

Em Chaves um «leão», o italiano Fazio, era 6.º da classificação geral. E um dos portugueses da equipa leonina era 11.º — Júlio Mourão. O forte corredor sportinguista tem feito uma prova regularíssima e sem os precalços que nalgumas etapas o atormentaram, já estaria mais bem colocado.

Foi naquela cidade que entrevistámos Júlio Mourão. O ciclista do Sporting encontrava-se a fazer tratamento a um joelho e junto dele via-se Alfredo Trindade, o famoso corredor de outros tempos, agora o orientador técnico do agrupamento leonino.

— Fui muito infeliz na etapa de Évora, na qual sofri dois furos.

«Alem disso vim para a prova sem preparação suficiente. Estive praticamente sete meses sem correr. Apenas disputei uma competição do campeonato corporativo, mas para elas não precisava de preparação especial. Chegava a minha vida de todos os dias...

Júlio Mourão prossegue:

Júlio Mourão, do Sporting

— Só soube que vinha à «Volta» poucos dias antes dela principiar. O Benfica resolveu, no sábado, ceder a minha carta de desobrigação e a corrida, como sabe, principiou na quinta-feira!

— Mas consta-me que o Mourão estava para vir à «Volta».

— Pois estava, mas como mecânico no Sporting...

— A sua classificação?

— Não é a que ambicionava, con-



Mourão, bem disposto, mas pensando tudo quanto diz, vai falando

está disposto a manter-se em actividade no próximo ano

(De MANUEL MOTA)

fesso. Contudo, não estou descontente, porque nas circunstâncias em que parti do Porto não era fácil fazer melhor.

— Espera melhorar?

— Confio nisso. Considero, a propósito de estarmos na véspera, a etapa de Vigo decisiva. As classificações ficarão, creio, definidas em Espanha. Já me disseram que é uma tirada muito dura, com duas grandes subidas.

— Quer dizer que não está contente com o seu lugar.

— Não estou, de facto. Já lhe disse que dificilmente se pudera fazer melhor, mas apesar disso vou batalhar para subir.

«No começo da «Volta» andámos um bocadinho à deriva, pois não nos conhecíamos uns aos outros. E o sr. Trindade — este sr. Trindade foi dito com o maior respeito! — também ignorava as nossas



Os quatro primeiros classificados da importante prova de natação: Pereira Bastos, do Alagés, quarto, e Baptista Pereira, Jofre Carvalho e Manuel Pinhão, respectivamente, primeiro, segundo e terceiro

N'ATAÇÃO

JOAQUIM BAPTISTA PEREIRA

vencedor brilhante da Pequena Travessia de Lisboa

BAPTISTA Pereira venceu, como ele, em regra, triunfa — com brilhantismo. E esta sua vitória de domingo, na Pequena Travessia de Lisboa — que em hora feliz o simpático e prestante Sportivo de Pedrouços reeditou — ficará, por certo, como uma das melhores da sua carreira. Vitória nítida, arrancada a golpes de energia e de extraordinário poder físico, pôde dizer-se, desde as primeiras braçadas. De facto, do Terreiro do Paço a Pedrouços, Baptista Pereira foi sempre o atleta forte e pundonoroso que jamais conheceu um momento de desfalecimento. Marca obtida: 1 h. 29 m. 53 s..

Atrás dele, os seus companheiros de clube, Jorge de Carvalho (1 h. 32 m. 35 s.) e Manuel Pinhão (1 h. 33 m. 14 s.) corresponderam muito bem. Interessante e digna dos melhores elogios, a classificação obtida por Pereira Bastos, do S. A. D., com 1 h. 33 m. 49 s..

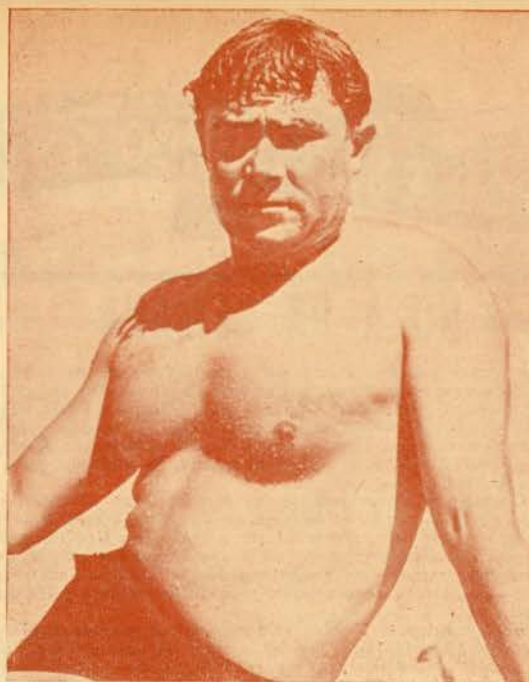
Dos 53 nadadores inscritos, responderam à chamada 29 — 24 seniores, 12 juniores e 3 populares — dos quais 16 desistiram.

A prova constituiu excelente espectáculo, servindo admiravelmente os objectivos de propaganda, pois que tanto à partida como à chegada, e bem assim, durante o percurso, foi presenciada por numeroso público.

A organização do Sportivo de Pedrouços sintetiza-se facilmente: impecável. Tudo a tempo e horas, tudo previsto. E extraordinariamente facilitada a missão de quem tinha que trabalhar na prova, quer no juri, quer em serviço de reportagem.

A Pequena Travessia de Lisboa merecer-nos-á ainda, mais amplo comentário. Mas desde já podemos dizer: agora, só há que pensar na Travessia de 1950.

ABREU TORRES



Joaquim Baptista Pereira, valoroso representante do Athandra, vencedor absoluto da 8.ª Pequena Travessia de Lisboa a nado



Em frente do Cois do Sodré, Baptista Pereira, em braçada vigorosa, seguia já destacado dos seus mais próximos competidores

ARCADIA

O DANCING N.º 1
= DA CAPITAL =

apresenta o mais categorizado programa de atracções

CARMEN DEL MAR e ANITA LUCENA

Mary-Mely, Hermanas Baron, Lolita Sevilla, Sara Seny e Mabel Valencia

MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS

ARCADIA com a vocalista **DIANA**
norte-americana

THE ROYAL JAZZ com a vocalista **JULIETA RODRIGUES**

Brevemente, estreia de uma grande atracção

Ar condicionado

Temperatura agradável

possibilidades. Os estrangeiros eram uma incógnita.

— Quais os corredores que mais aprecia?

— Os italianos Lambertini e Fazio. São dois bons estradistas. Julgo que Lambertini poderia ganhar a «Volta». Possui valor para isso. Fazio é também muito bom, mas estranhou a maneira como se corre em Portugal. Na Itália está habituado aos «domésticos», os corredores que se apagam para brilharem os chefes de fila.

— Projectos futuros?

— A bem dizer, não tenho pro-

jectos. Tudo se resume no desejo de continuar em actividade até final da época e em prosseguir nas próximas temporadas. Bem vê, com 25 anos, posso fazer ainda umas coisas.

Trindade fica, depois, a conversar connosco sobre Mourão. O célebre ciclista diz-nos então:

— Com as condições físicas que este rapaz tem, seria um excepcional corredor se fosse mais ousado. Falta-lhe iniciativa. Talvez confiança. Quando a adquirir verá que grande corredor ele será.



Julio Mourão, ao lado de Trindade, conta as suas aventuras

NOTA DA SEMANA

HÁ nomes que adquiriram tal proeminência ao ponto de se tornarem verdadeiras instituições. No mundo dos desportos podemos mencionar Wembley, para o futebol, Wimbledon, para o ténis, Ascot e Epsom, para as corridas de cavalos, Madison Square Garden, para o boxe, Cowes, para a vela, Henley, para o remo, Lords, para o jogo de cricket, St. Andrews, para o golfe, etc., etc.

Uma breve pausa permite-nos verificar que os locais de eleição ficam situados, na maioria, em território inglês. Esse fenómeno nada tem de extraordinário, porquanto a Grã-Bretanha foi o mais dedicado pioneiro da causa desportiva e o país que herdou dos gregos — por qualquer processo misterioso de transmissão — o gosto e o entusiasmo pela cultura física e pelos desportos.

Henley sobre o Tamisa está edificada a pequena distância de Londres, emoldurada por salgueiros frondosos e amáveis, num cenário encantador. As margens do rio descem suavemente até ao elemento líquido, proporcionando facilidades aos espectadores e à instalação de barracas ou bancadas.

Apesar do remo ter decaído um tanto, nos últimos anos, entre os ingleses, e de os continentais e americanos haverem conseguido belas proezas, Henley manteve sempre a invejável posição de excelência. Supomos que a tradição justifica esse predomínio mas não bastaria, se outras causas invulgares não reforçassem o respeito carinhoso que atrai, sucessivamente, os melhores remadores estrangeiros àquele cenário clássico.

Diz, com rigorosa seriedade, o antigo dirigente americano R. Herrick, no livro «Red Top», que uma pessoa pode acertar o seu relógio durante as provas de Henley.

«Se uma corrida, marcada para as 3 horas e 5 minutos, principiou e o relógio do espectador marca 3 horas e 8, não deve hesitar em aceri-lo».

Claro, há um pouco de exagero nesta afirmação. Contudo, serve de exemplo para explicar a popularidade e o respeito que adquiriu entre os concorrentes de todos os países.

A mais notável prova disputada em Henley é a Grand Challenge Cup, para barcos de 8, com timoneiro.

Foi criada em 1839 e a Bélgica triunfou 3 vezes, a América 2, a Austrália, Suíça e Alemanha, 1 vez cada.

A mais popular é, porém, a Diamond Challenge Sculles, praticamente o campeonato do Mundo, individual, dos remadores.

Este ano, a França esteve ausente mas, se o facto tirou um pouco de brilhantismo internacional, foi largamente compensado pela participação dos estudantes britânicos — colégios e escolas — indicando que o desporto do remo remova na Grã-Bretanha, de modo nunca visto.

Assim, a equipa do colégio «Lady Margaret», de Cambridge, conseguiu vencer a final derrotando 25 equipas, na corrida de 8, e, até, realizou o melhor «tempo» jamais registado em Henley — 6 m. 43 s. — melhorando por 1 segundo o tempo dos Leander que em 1934 fizeram um segundo a mais.

O aumento crescente de inscrições forçou o comité organizador a restringir as entradas em todas as provas, pela primeira vez.

Jack Kelly, o impressionante remador americano, vencedor do Diamonds em 1947, venceu de novo e Massey, Lloyd e MacLeod, — do Lady Margaret B. C. — tomaram parte no agrupamento que venceu a corrida de 8.

Henley continua, pois, a ser tradicional como torneio de remo e as regatas anuais que ali se efectuam na última semana de Julho, tiveram em 1949, desusado brilho.

RAFAEL BARRADAS



A Volta à França trouxe várias desilusões como esta. O ciclista belga Jacques Geus, do grupo dos «Aguilas», vendo que chegou depois da hora de funcionamento do «contrôle», chora a sua desdita enquanto que o vencedor da tirada, Van Steenberghe, procura consolá-lo carinhosamente.

Boxe

Ainda na estação morta, a actividade internacional tem sido escassa.

Europa: o ex-campeão de França da categoria «semi-médios», Titi Clavel, foi derrotado por pontos, em Londres, após 10 assaltos, e a vitória coube ao galense Cliff Curvis. Na mesma sessão, o irlandês Dickie Sullivan pôs fora de combate ao 7.º assalto o holandês Théo Noltén.

Em Caen (França), o nosso conhecido Walter Momber derrotou o semi-médio Le Mentec, depois de um match equilibrado, e Mustaphaoui, campeão nacional de «mínimos» venceu folgadoamente Dante Bini.

Quanto aos Estados Unidos, projectam-se dois importantes desafios para breve. O primeiro, entre o negro Ray Robinson e Steve Belloise, serve para designar um adversário eventual do próximo vencedor do encontro Cerdan-La Motta, anunciado para 28 de Setembro.

Em Montreal, o francês Lucien Dauthuille combateu no dia 3 contra Johnny Greco e venceu por pontos.

Em Havana (Cuba) o tunisiano-francês Caetano Annaloro perdeu a decisão pontual ante Luis Galvani, veterano esgrimista da categoria «lévissimos» e campeão cubano.

Ciclismo

Depois da Volta à França, está decorrendo animadamente a Volta à Suíça, sem Coppi nem Bartali, mas com ciclistas italianos de mediano valor.

Os transalpinos atacaram desde a partida, nomeadamente Zanazzi, Cottur, Rossello, etc. mas, depois de 128 km., na subida de Kreuzlingen, só Rossello vai na frente, seguido de Cottur, Sommer, etc., e atacou de novo, na subida de Saint-Gall, associado com Sforacchi.

Os suíços imitaram os italianos na segunda etapa e com tanta intensidade que ocuparam os primeiros postos da classificação geral, assim ordenada:

- 1.º Ernest Stettler (Suíça) em 12 h. 8 m. e 47 s.
- 2.º G. Weilenmann (Suíça) em 12 h. 9 m. e 26 s.
- 3.º Aeschlimann (S), 4.º Zbinden (S), 5.º Cottur (Itália) com 12 h. 12 m. 43 s.

GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

Ténis

As semi-finais e finais das zonas da competição internacional denominada «Taça Davis», realizadas em Montreal (Canadá) e em Paris, concluíram com as vitórias da Austrália e da Itália.

Os jogadores australianos derrotaram os canadenses por 4 vitórias a 1 e devem enfrentar os mexicanos para apuramento do país finalista da «zona americana».

Quanto aos italianos, Cucelli ganhou a Abdesselem Bernard a del Bello e, no encontro de pares, Cucelli-del Bello venceram Bernard-Bolelli. Com a Itália levando vantagem, disputou-se o último dia de provas, e Abdesselem derrotou (como se previa) del Bello por 6-3, 6-4, 6-2 mas Marcel Bernard, fatigado em excesso sucumbiu diante de Cucelli, por 8-6, 3-6, 4-6, 6-0, 6-1.

A final inter-zonas realizou-se a 11, 12 e 13 do corrente entre Estados Unidos.

Curiosidades...

Virgílio, o discutido defensor do F. C. do Porto, assinou a ficha para a nova época. O valoroso rapaz mostra-se de facto cumpridor da sua palavra.

Entretanto, e talvez como prémio da sua dedicação, proporcionou-lhe o F. C. do Porto uma viagem de avião, até à Província de Angola.

♦ O Salgueiros faz todo o possível para ressurgir. E oxalá que tal aconteça, pois trata-se de um dos mais populares clubes da cidade do Porto. Para treinador das suas equipas foi escolhido Alfredo Valadas, antigo jogador do Benfica e último treinador do Vitória de Guimarães.

♦ Consta pelo Porto que o F. C. Tirsense desobrigará vários jogadores do seu grupo de honra. A ser assim, julga-se que o F. C. do Porto receberá alguns homens há tempos transferidos.

♦ Podemos garantir que o F. C. do Porto entrará em negociações para uma visita a Lourenço Marques, no fim da próxima época.

♦ Os sucessos da equipa de ciclismo azul branco tem merecido lisonheiros comentários nesta cidade. Assim como determinadas informações sobre a sua actuação.

♦ Como apontamento, este facto: mesmo sem Lambertini e Valmiana, este residindo há muito no Porto, os portuenses não perderiam a «Volta».

♦ O grupo de honra do F. C. do Porto, agora em Luanda, deslocar-se-á ao Congo Belga. Tem outros convites, que por certo não poderá aceitar.

O F. C. do Porto em Angola

(Continuação da pág. 11)

Será difícil? Certamente! Falta categoria aos nossos jogadores e o amadorismo em que vivem não deixa que possam ser sujeitos a uma preparação intensa. Mas há que tirar muitos ensinamentos da lição que o Porto nos deu. Disto não podemos fugir.

Não queremos terminar estas considerações sem felicitar a maneira brava como os seleccionados hulienses procuraram acreditar o futebol da sua terra. Mas o brío e a generosidade que os hulienses puseram em jogo não chegaram para vencer a maior classe da equipa visitante.

Depois de um desafio entre os grupos indígenas, Progresso e Portugal, que o primeiro ganhou por 4-1, entraram no rectângulo as duas turmas.

Primeiro os jogadores do Porto formando um bloco e conduzindo unidas as bandeiras do seu clube e de S. A. Bandeira. Recebeu-os o numeroso público — mais numeroso de todos os tempos — com uma carinhosa e prolongada salva de palmas. Depois a Selecção Hulia. E os incitamentos ao grupo da casa começaram logo. Foram bastantes pelo encontro adiante, mesmo quando já ninguém acreditava na possibilidade de uma vitória.

Os indígenas ofereceram aos portuenses um vistoso galhardete. Em seguida os dirigentes do Porto e da sua filial trocaram recordações, a meio campo.

A gentil senhorinha Margarida Correia ofereceu um lindo ramo de flores ao capitão dos nortenhos, Alfredo Pais.

Come se verifica — effectuouse em boa hora a visita do F. C. do Porto à Província de Angola. A sua equipa mostra-se satisfeita, feliz. E tem muita razão.

Stadium

na capital do Norte

DIAS SANTOS e a sua equipa

A fartura também provoca congestões graves. Talvez seja este o caso actual do F. C. P., no tocante à sua equipa de ciclismo, indiscutível vencedora da XIV «Volta a Portugal» em bicicleta.

Como é sabido, quando a certa altura da prova ficaram na vanguarda 5 homens do clube portuense, afirmou-se aos quatro ventos que os maiores inimigos do simpático Dias Santos eram os próprios colegas, apostados em lhe despir a simbólica «camisola amarela». Pela nossa parte, pedimos licença para não estar de acordo com a maioria.

Temos por Dias Santos a melhor e mais franca simpatia. Dias Santos é, de facto, um excelente moço, o mais alegre dos companheiros, sempre disposto para a luta e para a boa piada. Bom atleta do F. C. do Porto, do Norte, portanto, tem conseguido popularizar-se e impor-se à custa da sua vontade pessoal, do seu treino persistente, mantendo sempre com os colegas uma camaradagem agradável e servindo o seu clube sem quebra de disciplina.

Escrevemos a 24 horas da chegada ao Porto, e não sabemos se Dias Santos poderá vangloriar-se de haver ganho a XIV «Volta». Mas se o leitor deseja conhecer o nosso desejo, a nossa particular afeição, diremos já que bem merece Dias Santos a honra de triunfar. Como nenhum outro, Dias Santos soube dignificar o seu nome, o do seu clube também, e por isso é justo que receba a compensação do seu sacrifício e do seu espírito de lutador. Se não ganhar a «Volta», diga-se já, será indelicado afirmar que o popularíssimo e jovial rapaz de Gondomar se comportou de maneira a justificar o triunfo? Todos estarão de acordo, com certeza.

Mas, apesar de tudo, não pensamos como as pessoas que a certa altura causticaram os camaradas de Dias Santos, acusando-os de o quererem destronar. Estabeleceu-se à roda do caso algum nervoso, mal estar que não chegou a destruir a unidade da equipa mas que nem por isso deixou de causar certo alarme, principalmente na cidade do Porto e Norte do País, onde reside a principal «força» do clube azul branco.

Se os colegas de Dias Santos estavam perto dele, que é como quem diz dos prémios individuais, não encontramos motivos que justifiquem o possível conselho de não dar luta honesta e desportiva, de mais a mais sabendo-se que também estavam perto outros elementos estranhos, capazes de chegar ao primeiro lugar.

Não sabemos, nesta altura, repetimos, se Dias Santos ou outro colega de equipa se classificaram no lugar de honra da «Volta». Mas suponha o leitor que o mais próximo elemento do 5.º do Porto, nesta altura Mario Fazzio, do Sporting, galgava nas ultimas etapas a diferença de tempo existente e ganhava o discutido título. Que se diria depois? Certamente, apenas isto: — que para poupar as classificações de colegas, deixaram alguns azues e brancos de melhorar o seu «tempo» e classificação, uma e outra coisa absorvidas quando já não havia remédio...

Não estamos de acordo, portanto, com o alarme. Claro que os rivais mais próximos de Dias Santos tinham de ser, incontestavelmente, pelo menos durante muitos percursos da «Volta», os seus próprios companheiros. Nada mais natural e, mesmo, desportivo. Na última «Volta à França», Fausto Coppi aproveitou uma queda e um furo de Gino Bartali para lhe arrancar do corpo a querida e invejada «camisola amarela». Eram amigos, muito amigos, como resam as crónicas — mas amigos, amigos, negócios à parte...

Na «Volta» deverá ter-se dado o mesmo. O director do F. C. do Porto, Gomes de Sousa, e os seus directores técnicos, Aniceto Bruno e João Rodrigues, viram cuidada e inteligentemente o problema, e um deles afirmou «que quem quisesse bolota que trepassse». Isto se refere, é certo, a um possível ataque colectivo do Benfica e não à luta entre os elementos da equipa do Porto. Entretanto, pode julgar-se neste caso de igual maneira. E nem o contrário seria desportivo.

Terminamos por desejar a vitória de Dias Santos. Este rapaz merece-a, não só pelo seu valor de atleta como pela sua incontestável fibra de batalhador. Por cima de tudo isto — uma joia de moço. Oxalá nos não enganemos!

Mais um título

NÃO é o oitavo título consecutivo, como por lapso na legenda de uma gravura se disse no último número da «Stadium», mas 9 — em 11 campeonatos, que o F. C. do Porto conseguiu neste ano de 1949. Os campeonatos nacionais de andebol, quando a prova principiou, conseguiram, sim, ganhar o título 7 vezes consecutivas. Depois, o G. D. da «Cuf» conquistou o 1.º título para Lisboa, no ano em que o F. C. do Porto desistiu, e os portuenses voltaram a novo título



Henrique Fabião

máximo, com final em Coimbra, para o perderem o ano findo, às mãos do Belenenses e após uma época de má forma.

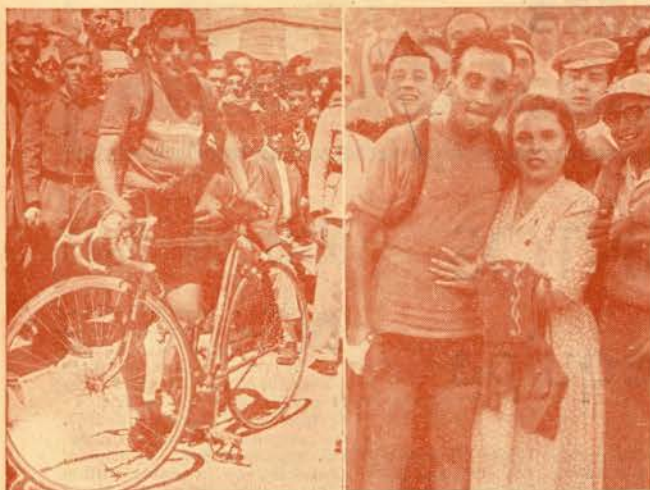
Mas na época presente, principiando com infelicidade e enfrentando duas arbitragens defeituosas, acabou o conjunto do F. C. do Porto por impor-se e triunfar sem discussão.

A despeito de pouco se haver dito sobre a vitória «portista», dando-lhe o relevo que a façanha merecia, pois deixou apenas dois títulos para valorosos adversários, enquanto se obtém 9, revela uma superioridade incontestável, julgamos de muita justiça ceder o nosso aplauso à maneira esforçada como o clube portuense tem compreendido as suas responsabilidades.

Todos quantos intervêm na formação da equipa, mas especialmente Orestes Amaro, até à dedicação incontestável de Henrique Fabião, um nome que a história do F. C. do Porto não esquecerá, são dignos de aplausos.

E eles aqui ficam. Porque são sinceros e justificados.

Últimos instantâneos da XIV Volta a Portugal



O catalão José Porcar revela-nos coisas muito curiosas

JOSÉ PORCAR

o espanhol do Barcelona
fala-nos da Volta a Portugal

OS espanhóis do Centro Clísta de Barcelona formam um agrupamento simpático. São ciclistas de valor médio, segundos planos no seu país, mas que têm dado relevo à prova. Correctos e apurados, conquistaram a simpatia de toda a caravana.

José Porcar é o melhor. Depois de começo hesitante, assentou, e passou a ser um dos animadores da Volta. Distinguindo-se a subir, chegou a Chaves em 2.º lugar do Prémio da Montanha. Ultimamente, porém, fraquejou — vítima de um acidente...

— Oíça, Porcar, está contente com a sua corrida?

— Como posso estar? Tenho tido pouquíssima sorte e agora, para me inferiorizar, este ferimento num joelho.

E o esforçado catalão mostra-nos o joelho direito completamente entapado.

Depois, continas:

— Para nós, espanhóis, a corrida é muito dura. Estranhámos os costumes, o ambiente, a ali-

mentação, as próprias camas. As estradas também não têm ajudado e o calor tem sido muito.

— Espera ganhar o Prémio da Montanha?

— Vou fazer o possível para isso. Dois pontos já me chegavam...

Porcar revela-nos, ainda, a sua admiração por Lambertini.

— Podia ganhar a Volta se o deixassem.

Fala-nos, ainda, do seu compatriota Félix Bermudez:

— E' muito valente, mas não teve sorte.

A conversa alarga-se aos companheiros de Porcar. E um destes, Montaña, que muito se evidenciou na etapa anterior, chegou a dizer-nos:

— A Volta a Portugal é tão dura como a Volta à França, a avaliar pelo que já vi naquela e pelo que tenho ouvido dizer da outra...

E' uma opinião — com a qual, aliás, não concordamos.

M. M.

Stadium

publica no próximo número
uma separata a cores de
DIAS SANTOS

Da esquerda para a direita e de cima para baixo — João Rebelo, o magnífico estradista do Benfica e triunfador do Prémio da Montanha. — Finalmente! O grande triunfador chegou. Esquivando-se às saudações da multidão, Dias Santos recebe a mais sincera de todas: o abraço de sua esposa. — Guilherme Jacinto é o primeiro em Vila do Conde, coroando-se assim a bela proeza do corredor benfiquista. — Por entre os aplausos da multidão, Gueguen, do Académico do Porto, foi o vencedor da última etapa. — Depois chegou o pelotão. Ei-lo nas voltas à pista do Lima